

Do Deus invisível à verdade perseguida em meio aos dramas humanos que atravessam fronteiras

Quando se pretende debruçar-se sobre a condição humana a fim de investigá-la desde a ênfase em seu devir histórico, conjugada à experiência inesgotável da Revelação que se vincula e perpassa o *evento* humano, urge ter em mente que uma abordagem de corte *essencialista* a respeito desse fato não pode ter a última palavra com vista ao escopo de se estabelecer um discurso antropto-teológico/religioso que se mostre sensível às interpelações que advêm da *existência* concreta na contemporaneidade.

Levando-se em conta a ótica da viragem (onto)-fenomenológica do pensamento contemporâneo que se processou ao longo do final do século XIX e da primeira metade do século XX, cujo impacto se fez sentir sobre a Teologia e sobre as Ciências da religião, sobretudo nas últimas décadas, é impossível reduzir o Dizer do fenômeno humano-divino ao Dito sobre as coisas apreendidas como se tratasse de uma situação pré-estabelecida, estática ou reduzida a um objeto sujeito à tematização. A saber, desde a referida inflexão do pensamento se põe em evidência o “aparecimento das coisas” para além das meras “aparências”, de sorte que a condição humana é abordada como um genuíno *fenômeno/acontecimento* cujo sentido jamais se deixa reduzir à impessoalidade ou às novas formas de nihilismos contemporâneos.

Com base a esse realce do pensamento (onto)-fenomenológico, o tratamento do humano/divino não poderá ser submetido sem mais às representações ou às formulações conceituais focadas na mera “explicação” ou na definição da natureza humana/divina. Essa posição não corresponde à novidade irredutível da *fenomenalidade* do fenômeno que se autossignifica desde a imanência de [sua] manifestação e da descrição que dela procede.

Em outras palavras, graças à *fenomenalidade* do fenômeno em seu inacabamento, é inconcebível deter-se sobre a questão do sentido, seja do *humanum* seja da *Revelatio divina*, desde a ênfase na *essência* reduzida ao

problema da linguagem formal ou dos algoritmos e/ou dos conceitos, sem associá-la imediatamente à *existência* na qual o sentido acontece qual um *fatum* irreduzível ao saber teórico. Em função dessa constatação, urge, pois, manter uma intrínseca vinculação entre a linguagem/palavra do fenômeno humano/divino e a concretude da vida tal como ela é (ser) ou se desvela (dizer) em seu caráter eminentemente ontológico-temporal encarnada. Eis que somente daí brota a *palavra* (humano/divina) viva da qual a *existência* se nutre e a partir da qual o sentido se revela. Sem isso, toda e qualquer ênfase na definição a respeito do ser humano e de seu deus (deuses) não passaria de pura abstração facilmente exposta à suspeição daqueles que se mostram avessos ao pensamento de corte (doxo)-lógico.

De fato, sem uma subjacente perspectiva ontológica do Sentido que seja crítica ao saber apoiado na *opinião* ao mesmo tempo em que se privilegie a afirmação ou a *positividade* daquilo que aparece segundo a alteridade de si mesmo na linguagem que o fenômeno se dá, dar-se-ia azo para que qualquer investigador da hora fosse acusado de ter-se tornado refém de uma espécie de tentação idolátrica da Razão disposto, a todo custo, a tematizar aquilo que segundo o Enigma que subjaz ao fenômeno, resiste terminantemente ao conceito¹.

Trocando em miúdos, qualquer aproximação das realidades humano[religioso]-teológicas no tempo presente que se queira vinculada a experiência/linguagem real, encarnada e ontológica do sentido autêntico da humanidade do ser humano e próxima da experiência religioso-teológico do ser de [seu] deus, terá necessariamente de se considerar a possibilidade de se praticar uma “suspensão de juízo” do saber que tenha a pretensão de totalidade. Outrossim, essa totalização se verifica tanto na esfera do discurso ingênuo que advém do senso comum como no âmbito da formulação das ciências humanas de corte empírico-formais marcadas pela pretensão de

¹ Há de se recordar que essa *idolatria da Razão* se reflete na tentativa de se estabelecer um saber absoluto focado nas definições tanto a respeito da *essência* (substância) do ser humano como nas provas da existência de [seu] deus, calcadas, portanto, na supervalorização da matriz teórico-demonstrativa do conhecimento. Abstrai-se com isso o próprio aparecer do fenômeno e a linguagem primeva que essa experiência se dá enquanto *palavra* humana e à qual aquele [fenômeno] deve referir-se a procura da *gênese* a partir da qual se pode nomear o sentido do humano e a significação da palavra Deus.

dissecação do fenômeno humano/divino por conta da insistência na plausibilidade da verificação experimental acompanhada dos discursos diretos e objetivos a respeito do ser humano, do sagrado e do Santo.

Na contracorrente da maneira de pensar totalizante, trata-se de dar vazão à intrincada proximidade entre *existência* e *essência* na qual se trama a relação inesgotável entre ser humano e deus (deuses), qual uma “divina comédia humana”, parafraseando-se aqui Dante de Alighieri. Levando-se em conta essa trama o fato é que o sentido genuíno da *essência* só aparece no exercício incansável da *palavra*, isto é, no âmbito da linguagem indireta na qual se sedimenta a “produção de sentido” graças à lateralidade das palavras da escritura e da escritura feito carne naqueles que as pronunciam.

Essa produção viva de sentido ocorre, por sua vez, no interior da realidade por conta da intriga a se tecer e a se dizer desde dentro da dinâmica de aproximação/distanciamento que se processa no bojo da relação entre o ser humano e deus [deuses]. Eis, pois, que essa “divina comédia humana” se mostra refratária à abordagem insípida, inodora e impassível do Sagrado uma vez que o Mistério que é da ordem do enigma, da Santidade do Santo, conta com a originalidade de sua linguagem nascente, selvagem, que resiste ao domínio e à apreensão da realidade pelo conceito.

Doravante, referir-se à existência humano-sagrado-divina significa ter de admitir que ela é consentânea à “espessura” de nosso ser no mundo avessa à “leveza” da consciência como Espírito e de sua pretensão de tudo captar pelo uso da razão. Logo, graças à densidade ontológica da existência, essa se apresenta inexoravelmente perpassada pelo *drama*, e não menos, pela *tragédia* ou pelo não-sentido como possibilidade real de fracasso da liberdade humana seduzida pelo espetáculo do mundo aparente e alheia à vida Sensível. Ora, devido ao contato visceral que subjaz à aproximação/separação entre o ser humano e a divindade pode dar-se que a humanidade recuse a entregar-se à dialógica pressuposta por essa relação.

Diante, pois, do drama e da tragédia que envolvem a existência, urge adentrar-se nos meandros dessa realidade irreduzível à totalidade do conceito a fim de se poder fazer teologia e/ou ciências da religião que, por um lado, se proponha como afirmativa e coetânea de uma antropologia teológico-religiosa

da existência encarnada e, por outro, se mostre cética aos discursos apressados sobre o ser humano, sobre Deus e sobre o Sagrado que se entregam ao niilismo ou ao Nada da abstração sem ser.

Com base à insistência no que tem sido evocado anteriormente a respeito da singularidade do fenômeno humano-religioso-teológico conquanto se recusa a ser tratado como uma realidade engessada e submetida à assepsia dos conceitos universais e essencialistas a respeito do homem e de Deus, há de se ter em mente que na contemporaneidade se está a evocar a urgência de se ter de entrar em contato com a existência levando-se em conta seus traços hiperbólicos que, portanto, a faz atravessar fronteiras. Afinal, a existência se vê marcada, seja pela dramaticidade que a evolve devido à ambiguidade do fenômeno cujo sentido escapa da univocidade dos conceitos, seja pela *tragédia* ou pelo não-sentido como possibilidade real de a liberdade humana rechaçar sua adesão ao fenômeno na qual é chamada a configurar-se. Ao invés de se entregar ao “mundo da vida” da qual não se despreza, a liberdade passa a conferir primazia à “aparência” de modo a preferir entregar-se ao niilismo dos conceitos do que mergulhar no sentido do vivido e na busca do sentido dos sentidos.

A propósito disso urge recordar que dentre os inumeráveis desafios que nos interpelam na contemporaneidade, certos dramas/tragédias concretos que afetam a existência humana se associam aos problemas migratórios aguçados tanto pelas guerras em curso no mundo e, mais recentemente, evidenciados pela invasão da Ucrânia, bem como pelas catástrofes naturais e/ou programadas pela exploração irrefreada do solo e da conseqüente miséria derivada daquelas. Isso tem forçado enormes populações do Globo terrestre a se tornarem deslocadas quando não menos expulsas e expatriadas, isto é, sem terra, sem morada, sem cultura, destituída de seu *ethos* e, por que não dizer uma humanidade sem cidadania em pleno mundo humano marcado pelos Estados-nações de regime tidos como predominantemente democráticos.

Além disso, é impossível olvidar-nos dos efeitos, não apenas dramáticos de alcance sanitário, mas que atingem níveis trágicos inimagináveis de ordem sócio-político-econômico deixados pela pandemia da covid-19 a assolar o

mundo nesses últimos dois anos e meio. Aliás, a pandemia tem escancarado o não-sentido dos desastres humano-ambientais que chegam até aos confins do Planeta. Esses não podem ser desvinculados das cotidianas escolhas pessoais, mas, sobretudo não se dissociam daquelas opções de corte sócio-políticas e ecológicas praticadas em nosso contexto histórico-econômico-cultural.

Cabe ressaltar ainda, nesse contexto dramático quando não menos trágico da existência, o advento de novas formas de xenofobia, de racismo, de aparofobia e de alterocídios, enfim, de toda sorte de preconceitos e exclusões constantemente reeditados, seja por conta das aversões advindas das questões de gênero e de sexo ou de raça e de etnia, seja devido ao rechaço militante, tanto em relação às diferenças culturais como às de credos e de religiões. Do ponto de vista estritamente religioso, salta aos olhos que o mundo esteja a assistir de maneira polarizada ao (re)ssurgimento de agressões e violências abissais de ordem teocráticas a deflagrar novos conflitos e guerras fratricidas em nome de deus, sobretudo se se tem em mira alguns países espalhados pelos cinco continentes a partir dos quais se tem notícias das práticas de perseguição e de assassinios justificadas única e exclusivamente em nome da intolerância às crenças e religiões de outrem.

Por último, urge recordar que os problemas socioambientais e ecológicos nunca estiveram tão em pauta como nos últimos tempos. Os efeitos devastadores do aquecimento global, da destruição massiva dos ecossistemas se apresentam como ameaça cada dia mais visível e real sobre a terra por conta da galopante aniquilação da fauna e da flora, especialmente, da floresta amazônica, pulmão do planeta.

Diante dessas questões candentes evocadas, resta insistir, por um lado, seguindo a contribuição da viragem (onto)fenomenológico do pensamento contemporâneo, sobre a premência de se ter de levá-las radicalmente a sério uma vez que o fenômeno humano se vê cada vez mais assinalado pelo caráter dramático/trágico devido a convicção de que a experiência concreta e atual da humanidade não pode ser dissociada de seu contexto, isto é, de seu ser-no-mundo com os outros e em sociedades cada vez mais marcadas pelo cosmopolitismo. Eis que diante dessas considerações a palavra ética ganha novo significado devido ao reconhecimento da urgência de se ter de agir [ação

humana] em favor da construção de um mundo que seja cada vez mais teológico humanizado/religioso. Trata-se da responsabilidade de se tornar o mundo habitável passando-se das “aparências” advindas do espetáculo e do niilismo à promoção da “verdade do mundo” que só se significa onde a liberdade humana entra em cena. Só assim é possível colocar-se em xeque a tragédia do mal ético que atravessa o mundo em nome do elogio do sentido humano que se afirma contra o caos.

Por outro, é de se notar que, do ponto de vista da reflexão eminentemente religiosa-teológica, supõe-se ter-se de considerar o fato de que as fronteiras alargadas do mundo acompanhadas dos grandes desafios humanos-religioso-teológicos que afligem a humanidade se revelam [as fronteiras] como lugar inusitado no qual os seres humanos se deparam inexoravelmente com o próprio Mistério humano/divino/religioso em sua carnalidade ou em sua concretude histórico-existencial graças à sua densidade sensível quase material, irreduzível à Razão. Por isso o Enigma que envolve a existência toca visceralmente os seres humanos em sua existência corporal antes do que em sua mente, em sua consciência ou em seu entendimento, de modo que a *compreensão* e a *decifração* hermenêutica do Mistério se revela mais originária e atual e, portanto, mais convincente do que qualquer esforço de *tematização* direta implícito nos discursos de corte racionalistas sobre a revelação, contrário à sua dimensão ontológico-histórico-existencial.

Enfim, esses desafios estão a exigir um reposicionamento existencial-humano/teológico da parte daqueles que se debruçam sobre a realidade a fim de colher os “vestígios” do sagrado e os “rastros” do Santo, que se mostrem inspiradores tanto para se poder denunciar as exclusões sociais bem como para anunciar o advento “de nova terra e novos céus”. Graças à “esperança contra toda esperança” advinda do testemunho de poetas e profetas de nosso tempo em meio ao caos necropolítico ou ao *non-sens* ético que alicia as liberdades e as torna indiferentes ao sofrimento do outro e a devastação do mundo, é possível assistir ao “milagre” do sentido a irromper de dentro mesmo da existência encarnada de seres humanos entregues ao amor do próximo e de Deus e ao serviço da justiça no mundo.

Diante, pois, da possibilidade do advento do Sentido na contemporaneidade, resta o convite a dar-se novos passos e deslocar-se até as fronteiras onde o humano e o divino correm perigo a fim de se poder defrontar-se com o paradoxal ineditismo da revelação que interpela a responsabilidade humana, lá onde os problemas existenciais se aguçam e comprometem radicalmente a liberdade de agir em prol do amor e da justiça. Afinal, evocar a revelação desde seu caráter dramático supõe poder referir-se à nomeação de um Deus que não é apático, insensível e indiferente ao mundo e, graças a essa novidade, perceber que o ser humano sente-se (im)pelido ou (im)pulsionado e convocado pelo Espírito a engajar sua liberdade na edificação de um “outro mundo (im)possível”.

Nesse caso, trata-se de ressaltar que o Deus em questão se mostra apaixonado pelo mundo e que, portanto, revela-se em sua autodoação como um deus ao mesmo tempo passível e sujeitado ao padecimento e à *quênose* por amor ao mundo. Eis que nesse contexto, a “verdade do existir” do mundo com sentido e do existir humano marcado pela Sensibilidade, dependem diretamente da incessante busca humana de se deixar afetar pelo *pathos* do Deus cujo amor se torna sensível e sentido (afeto) aos seres humanos, embora *invisível* em meio à *visibilidade* do mundo do saber.

Em última instância isso pressupõe, da parte da existência humana, pôr-se em marcha na procura de uma “verdade per-seguida” tendo em vista o contato com a existência de um Deus escondido com relação ao espetáculo do mundo. Eis que a reflexão religioso-teológica que se segue nesse número de nossa Revista Fronteiras tem a pretensão de corresponder a essa despreziosa procura da vida verdadeira que subjaz ao fenômeno humano/divino, cuja visibilidade não se manifesta senão desde dentro mesmo dos dramas humanos onde Deus invisível (in)habita. Em suma, trata-se de escutar a voz silenciosa do Deus invisível cujo desejo se manifesta de maneira sensível na palavra advinda da face humana e dos gemidos inefáveis [do Espírito] da criação e do cosmos. Nessa esteira é-se interpelado a adentrar-se no âmbito de um discurso ético-teológico[religioso] de um “Nós” [coortativo] atravessado pela convicção de que a revelação continuada de Deus está a acontecer na existência concreta de cada ser humano que se sente, que se

sabe e que se torna pela ação, palavra viva do Mistério em meio ao drama/tragédia de um mundo sedento do amor e da justiça do Reino.

Nilo Ribeiro Júnior

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - Brasil

Possui doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa - Braga (2014), mestrado em Teologia Moral pela Pontificia Università Gregoriana (1993). Graduação em Tecnologia Eletrônica Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1981), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (1991). Atualmente é professor adjunto da Escola de Educação e humanidades da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1100-718X>. E-mail: nilo.ribeiro@unicap.br